

## Literatura infantil como mediadora da construção de conhecimento no espaço social da colônia de pescadores

### Children's literature as a mediation tool to knowledge building at the social space fishermen's colony

FLORES, Sandra Nogueira<sup>1</sup>

ROLIM, Inaiara Alves<sup>2</sup>

BENEVIDES, Joseane<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta as reflexões sobre uma pesquisa realizada na colônia de pescadores de Bom Jesus da Lapa, mediada por atividades de leituras com crianças, filhas de pescadores associados à colônia, cujo objetivo foi analisar como o pedagogo poderia atuar em espaços não formais. A metodologia se baseou em princípios da abordagem qualitativa por meio da pesquisa-ação. Para a coleta de informações, utilizamos alguns instrumentos, como observação, entrevista semiestruturada e realização de oficinas. Os resultados indicam que o trabalho constante da literatura infantil no cotidiano de uma criança é fundamental para despertar seu interesse para o mundo da leitura. Os elementos, como foram abordados, possibilitaram a compreensão de como acontecem na prática às contribuições das narrativas literárias para o universo de aprendizagem da criança em espaços não formais.

**Palavras-chave:** Educação Não Formal; Espaço social; Aprendizagem Significativa.

**Abstract:** This article reflects on a research conducted at a fishermen's colony in the city of Bom Jesus da Lapa. The study aimed at analysing how would be an educator practice in non-formal spaces by mediating reading activities with the fishermen children. A qualitative approach was employed by means of an action research. For the information's collected, were used a few instruments, such as observation, semi-structured interview, and workshops. The results indicate that the constant work of children's literature in a child's daily life is fundamental to awaken his interest in the world of reading. The elements, as they were separated, made it possible to

---

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pós-graduada em Educação Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF Baiano Campus Bom Jesus da Lapa-BA. Pós-graduada no curso de Especialização em Educação do Campo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF Baiano Campus Bom Jesus da Lapa-BA. Graduanda do 8º semestre em Serviço Social na Faculdade Unopar Pitágoras. Graduanda em Matemática pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [sandrafla6@hotmail.com](mailto:sandrafla6@hotmail.com)

2 Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); Professora da Educação Básica e Coordenadora de Educação do Campo no Município de Serra do Ramalho/BA. E-mail: [inaiararolim@gmail.com](mailto:inaiararolim@gmail.com)

3 Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atua como professora na Escola Presbiteriana de Bom Jesus da Lapa. E-mail: [josie\\_mel@hotmail.com](mailto:josie_mel@hotmail.com)

understand how they happen in practice to the contributions of literary narratives to the child's learning universe in non-formal spaces.

**keywords:** Non-formal Education; Social space; Meaningful Learning.

## 1 INTRODUÇÃO

Educação é um processo de aprendizagem que acontece em diferentes espaços. Ao empreender uma discussão sobre processos educativos, a primeira imagem apresentada é a escola. No entanto, ao observar o cotidiano, a escola não é o único espaço onde o aluno aprende; espaços como o próprio lar, uma igreja, rua ou clube também são suscetíveis de estudo.

Este trabalho passou a existir a partir das discussões na disciplina Pesquisa e Estágio I em Espaços Não Formais do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. A Diretriz Curricular Nacional para o curso de Pedagogia propõe a atuação de pedagogos e pedagogas em diversas práticas e espaços formais e não formais. Diante dessa circunstância é que se fez a opção por realizar a pesquisa na Colônia de Pescadores de Bom Jesus da Lapa - BA.

A colônia de pescadores situada no Bairro Nova Brasília na cidade de Bom Jesus da Lapa é uma empresa com organização não formal da Federação de Pesca do Estado da Bahia. Ela tem como objetivo ajudar os pescadores em seu trabalho e proporcionar uma melhor qualidade de vida. Apresenta características de uma organização social, lida diretamente com os valores e a cultura de uma comunidade, oferece assistência aos pescadores na busca por seus direitos, como também desempenha uma ação informativa com foco na preservação do meio ambiente.

Durante um tempo nesse espaço aconteceu a implementação do Programa Todos pela Alfabetização (TOPA), com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos, bem como trabalhar com os saberes inerentes à cultura dos pescadores. Contudo, por falta de investimento e apoio, o programa foi finalizado. Foi observado, durante a pesquisa, que a colônia de pescadores, apesar de praticar uma Pedagogia Social direcionada à busca de direitos dos pescadores associados, não tinha uma prática educativa voltada aos filhos destes.

Diante dessa realidade, buscou-se conhecer as relações existentes entre a Educação Não Formal e suas práticas sociais. Assim, a presente pesquisa teve

como objetivo geral, analisar como a Literatura Infantil pode ser uma possibilidade de ação mediadora da construção de conhecimento no espaço social da colônia de pescadores. Este objetivo se desdobra em três específicos: i) contextualizar a Educação Formal e a Educação Não Formal; ii) conhecer o espaço social da colônia de pescadores de Bom Jesus da Lapa - BA; iii) tencionar possibilidades de práticas de leituras por meio da literatura infantil em espaços não formais.

O ato de educar, a partir da literatura, concebe a criança como um ser em formação onde sua capacidade deve ser desenvolvida em liberdade, respeitando os pontos de vistas e orientando-a com o objetivo de alcançar total plenitude no processo de ensino e aprendizagem.

Isto posto, foi elaborado um plano de intervenção com um projeto intitulado “mundo da imaginação”, com o propósito de trabalhar o respeito, a solidariedade e ainda compreender como o trabalho com a literatura infantil pode possibilitar às crianças despertar o gosto pela leitura.

O conhecimento desse fato vem justificar a realização do projeto por trazer uma contribuição em relação tanto ao desenvolvimento da leitura e da escrita, quanto à criação de um espaço onde os alunos possam expressar suas visões de mundo e construir suas próprias autonomias. O projeto, com atividades lúdicas, leituras e brincadeiras educativas foi desenvolvido dentro do espaço físico da colônia de pescadores.

Por meio da pesquisa foi possível perceber que o trabalho com as histórias infantis possibilita um maior envolvimento das crianças e, conseqüentemente, desperta o gosto pela leitura, construindo assim, pontes sobre a lacuna existente entre o imaginário e o mundo real, para que dessa maneira, avance em seu processo de construção de significados e enriqueça cada vez mais sua capacidade expressiva. Desse modo, a presente pesquisa permitiu atrelar as teorias postuladas sobre leitura, literatura infantil e à vivência observada no espaço da colônia dos pescadores.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia de pesquisa é importante para análise das informações que foram coletadas na pesquisa. Portanto, a base de uma pesquisa está na escolha de

um método que englobe a abordagem proposta e cujos métodos se revelem significativos para a apropriação do tema em estudo.

Por conseguinte, traçar caminhos para desenvolver uma pesquisa é, de fato, um dos aspectos mais desafiadores, posto que a partir da escolha das estratégias, o pesquisador terá um foco ou ponto de vista, o que certamente lhe predispõe determinada perspectiva. Diante disso, buscou-se vislumbrar mecanismos que permitissem uma apropriação mais próxima do objeto.

Assim, uma pesquisa para ter uma relevância científica, precisa seguir um planejamento, previamente feito, fundamentado numa metodologia que assegure a veracidade dos dados coletados.

Para a melhor compreensão dos fenômenos, seguindo um paradigma qualitativo, é necessário ao pesquisador ingressar no contexto em que os fenômenos acontecem. Então, é preciso que o pesquisador vá a campo para entender o fenômeno pesquisado no diálogo com os sujeitos envolvidos, analisando a perspectiva de cada um e os pontos de vista mais significativos.

Nesse contexto, o tipo de pesquisa foi à pesquisa-ação, visto que esse tipo de investigação, sendo de cunho empírico, traz em seu bojo a busca por uma solução para um problema de ordem coletiva; pressupõe a participação e cooperação do pesquisador e dos sujeitos envolvidos na situação. Para Thiollent (1986, p.14) pesquisa-ação:

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Ela nasce, então, da necessidade de entender e propor uma transformação para uma dada realidade ou problema. Isso porque, a pesquisa-ação, embasada na relação entre o pesquisador e os sujeitos do evento ou situação investigada, de acordo com Engel (2000, p. 182), procura “unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática”.

Para coleta de informações foram utilizados como técnicas de pesquisa: a observação, a entrevista semiestruturada e a realização de oficinas. Segundo Ludke e Andre (1986), a observação permite ao pesquisador uma perspectiva como uma

possibilidade mais ampla de contato com o fenômeno. Para Marconi e Lakatos (2011), a entrevista semiestruturada é uma técnica de pesquisa que possibilita conhecer o objeto de estudo, direcionando o caminho a ser seguido.

A partir do conhecimento do espaço e dos seus sujeitos, foi elaborado um plano de ação para a realização de oficinas de leitura e escrita com os filhos dos pescadores. Esse processo, mediado pelo diálogo e interação, viabilizou conhecer uma parte mais profunda do ideário e realidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

### **3 RESULTADOS E DISCURSÕES**

#### **3.1 EDUCAÇÃO FORMAL E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

A educação formal abrange o desenvolvimento intelectual do ser humano, desde a fase da infância até a sua formação acadêmica, seguindo normas institucionalizadas, quase sempre presentes na escola, em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, que tem por objetivo transmitir conteúdos, regularmente, preparando assim, os indivíduos para a conquista da capacitação profissional. Segundo Gadotti (2000, p. 2):

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores do ministério da educação.

A definição que o autor traz é a mais conhecida sobre o processo educacional desenvolvido nas escolas ou centros de formações. No entanto, ao longo da vida, o sujeito também está inserido em espaços de educação Não Formal, como a igreja, as rodas de conversa, os amigos do futebol, dentre outros, que possibilitam outras aprendizagens que acontecem paralelamente à educação institucionalizada.

A escola é uma instituição histórica. Não existe desde sempre nem nada garante sua perenidade. Foi e é funcional a certas sociedades, mas o que é realmente essencial a qualquer sociedade é a educação. A escola constitui apenas uma de suas formas, e nunca de maneira exclusiva. (GHANEM; TRILLA, 2008, p. 17).

Nesse sentido, o processo educativo abrange qualquer conhecimento internalizado e repassado de pessoa a pessoa em seu meio social e na escola. Em relação a esse aspecto, Brandão e Paschoal (1995, p.13) observam que:

A educação existe onde não há escola e por toda parte onde houver redes e estrutura sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi se quer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado.

Assim, a Educação Não Formal acontece na relação com outras pessoas e grupos, em que seus conhecimentos são produzidos a partir da troca de experiências, vivenciadas com a família, a vizinhança, no trabalho e em todos os meios de comunicação em massa.

A expressão “Educação Não Formal”, segundo Gohn (2008), foi utilizada por ela, pela primeira vez, no início da década de 90, para falar das práticas educativas percebidas nos movimentos sociais e em outras organizações associativas.

[...] aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres. Em hipótese nenhuma ela substitui ou compete com a educação formal ou escolar. Poderá ajudar na complementação desta, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizadas no território de entorno da escola. A educação não formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas ela tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos, via a forma e espaços onde se desenvolvem suas práticas, a exemplo de um conselho, ou a participação em uma luta social contra as discriminações, por exemplo, a favor das diferenças culturais, entre outras. Resumidamente, podem-se enumerar os objetivos da educação não formal como sendo: a) educação para cidadania; b) educação para justiça social; c) educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.); d) educação para liberdade; e) educação para igualdade; f) educação para democracia; g) educação contra discriminação; h) educação pelo exercício da cultura e para a manifestação das diferenças culturais (GOHN, 2008, p. 134).

Segundo a autora existe nesse processo uma intencionalidade na ação, na participação, no aprender e na transmissão ou trocar saberes. Nesse contexto, a Educação Não Formal, como modelo de ensino-aprendizagem é flexível, compreendida como um instrumento da democracia voltada para a construção da

cidadania e do desenvolvimento social. Suas atividades e programas são organizados fora do sistema escolar, nas igrejas, em postos de saúde, sindicatos, ONGs, associações de bairros, tendo como finalidade valorizar a prática, o fazer e incentivar o compartilhamento de conhecimentos e pensar no coletivo.

Sobre a atuação dos educadores nesses espaços Gadotti (2000, p. 6) afirma que:

Nos últimos anos, os educadores que permaneceram fiéis aos princípios da educação popular atuaram principalmente em duas direções: na educação pública popular – no espaço conquistado no interior do Estado –; e na educação popular comunitária e na educação ambiental ou sustentável, predominantemente não governamentais.

Nesse sentido, a educação não formal tem uma ligação estreita com a capacidade de sermos aprendizes de nossa própria ação no que diz respeito à conscientização de atos dignos de um cidadão em que reconhece o outro como sua extensão.

### 3.2 CONHECENDO A COLÔNIA DOS PESCADORES DE BOM JESUS DA LAPA - BA.

A atividade pesqueira existe há muito tempo, às margens do rio São Francisco, com os índios, primeiros habitantes. Depois, com quilombolas que aqui se refugiavam para escapar da escravidão imposta pelos fazendeiros e, posteriormente, com a chegada de algumas famílias a procura de trabalho nas fazendas, onde se instalavam. Surgiram vilas e com o passar do tempo, a cidade de Bom Jesus da Lapa. As famílias de pescadores foram sendo constituídas sem estrutura, sem educação e, principalmente, sem direitos.

Na época o pescador não tinha direito a vender seu peixe no mercado velho, na pedra (mesa de mármore, onde os peixes eram expostos á venda), era perseguido, pescador andava como índio: descalço, só com uma faquinha para fazer reparos na rede e era preso sem motivos (Neném, 71anos, pescador).

Muitos pais de família de pescadores eram estereotipados como vagabundos e cachaceiros; não possuía terras, tão pouco uma profissão. Segundo os

entrevistados, foi no início da década de 70, que o Sr. Otacílio Eugenio dos Santos, pescador, natural da cidade de Remanso, na Bahia, mas que residia em Bom Jesus da Lapa, comentou com seus companheiros de pesca que por algumas cidades onde ele passava às margens do rio São Francisco, via Colônia de pescadores, como nas cidades de Barra-BA e Januária-MG.

Nesse período existiam apenas sete colônias de pesca, com aproximadamente dois mil afiliados em toda a Bahia. Foi então, que juntamente com seus companheiros que o Sr. Otacílio criou, em Bom Jesus da Lapa, uma associação para atender aos pescadores e às suas famílias. No entanto, a maioria dos membros não tinha escolarização, o que dificultou algumas ações efetivas da associação. Em consequência disto, eles procuraram formar uma parceria com a Marinha. E em 14 de setembro de 1974, ocorreu a primeira assembleia para criação de uma comissão provisória até a Fundação da Associação da Colônia de Pescadores. *“A Colônia surgiu da necessidade das pessoas de amparar os pescadores e suas famílias para adquirirem mais força na busca por uma vida melhor”.* (Reinaldo, sec. da Colônia).

A Colônia de Pescadores passa a existir como uma espécie de cooperativa em que o pescador repassava seu peixe para ser comercializado. Desde então, eles travaram uma luta por seus direitos enquanto cidadãos; não possuíam terra para aposentar como trabalhador rural e, além disso, não tinha uma profissão regularizada, o que impedia a aposentadoria por tempo de serviço. Em 1992 a diretoria obteve a notícia de que o pescador possuía direito a um salário desemprego e foram atrás de mais informações a respeito. Houve, então, a primeira conquista, a colônia conseguiu o registro junto à Federação dos Pescadores e Aquicultura da Bahia, em parceria com representantes do Ministério do Trabalho de Salvador, que vieram a Bom Jesus da Lapa.

A Colônia de Pescadores é registrada na Federação dos Pescadores do Estado da Bahia, tem sua sede no bairro Nova Brasília, em Bom Jesus da Lapa. Ela fica entre o rio e o centro da cidade, próximo ao Mercado de Peixe, onde, atualmente, é vendido parte dos peixes trazidos pelos pescadores. A colônia possui uma sede espaçosa com dois escritórios (presidência e secretaria) bem equipados, com computadores, salas amplas, uma recepção, um auditório com capacidade para mais de cem pessoas, banheiros, uma copa e um veículo que dá suporte às

visitações às cidades atendidas. Além de atender Bom Jesus da Lapa, cidade sede, ela atende Santana, Santa Maria, Correntina, São Felix do Coribe, Sitio do Mato, Serra do Ramalho, Carinhanha, Guanambi, Riacho de Santana, Paratinga.

Para receber a carteira de pesca, o pescador precisa de duas testemunhas registradas na Federação para comprovar que ele, realmente, desenvolve o trabalho de pesca. Os sócios pagam uma quantia mensal à colônia para sua manutenção de espaço e para ajudar com o deslocamento da presidência nas reuniões. Lá, eles renovam a carteira de pesca, vão à procura de benefícios como salário maternidade, pensão por invalidez, aposentadorias, empréstimos, financiamentos em bancos, entre outros.

Os pescadores associados são, na maioria, filhos de pescadores que seguem a profissão do pai ou do avô com quem aprenderam a pescar. Utilizam como instrumentos de trabalho barcos, redes, tarrafas, anzóis, facas, caixas de isopor (alguns usam para armazenar o peixe com pedras de gelo). Eles possuem canoas, lanchas pequenas e barcos movidos a remo, outros com motor a diesel; uns pescam sozinhos, outros, em dupla. Os peixes são vendidos na beira do rio; assim que o barco chega já tem um atravessador à espera de comprar e repassar para as bancas do Mercado do Peixe (barracão, como é conhecido por eles), aos supermercados, hotéis e restaurantes da cidade.

As famílias atendidas pela colônia de pescadores são simples e contam com pouca escolaridade. O que torna válido um trabalho voltado aos filhos desses pescadores, visto que, muitas vezes, por não terem frequentado à escola, os pais não incentivam seus filhos a estudarem nem a adquirirem o hábito de ler.

O conhecimento disto, fez surgir esse trabalho voltado para as crianças oriundas dessas famílias e com baixo nível de estímulo aos estudos. O projeto com literatura infantil foi criado para atender as crianças, filhas dos associados da Colônia de Pescadores, com faixa etária dos 04 aos 08 anos, tendo em vista que as crianças em todos os tempos e lugares possuem em si, um mundo mágico.

### 3.3 A LITERATURA INFANTIL COMO MEDIADORA DE AÇÕES EDUCATIVAS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

A expressão literatura infantil, embora suscite diferentes sentidos e conceitos, está ligada em termos gerais aos textos literários produzidos para atender a um

determinado público infantil. Leituras e constatações de narrativas envolvendo encantamento e ludicidade têm sido teoricamente, utilizadas como frutíferos recursos na prática da Educação Infantil.

Compreender, antes de tudo, os usos da literatura infantil nos diferentes contextos histórico-culturais se mostram relevante, à medida que permite visualizar como, de fato, as tão citadas contribuições recaem sobre os aprendizes das crianças. Isto porque, a maioria dos educadores, em espaços formais ou não formais, reconhece que a utilização da literatura infantil é importante no processo de aprendizagem. De acordo com Coelho (1997, p. 24),

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização... É uma linguagem específica (...). Expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão.

Assim, o trabalho com a literatura infantil possibilita a valorização do mundo imaginário da criança. Torna-se possível levá-la a construção de conhecimento, de forma divertida e significativa. Os primeiros contatos da criança com a leitura são de fundamental importância para que se torne algo prazeroso e não, obrigatório.

Nesse sentido, a forma de aplicação do projeto visou sensibilizar as crianças quanto à importância da leitura em suas vidas e como ela pode ser prazerosa, fonte de aventuras e conhecimento, bem como mostrar que a literatura infantil pode ser um importante instrumento na constituição de conhecimentos durante o processo de ensino aprendizagem.

Desse modo, as atividades foram organizadas de maneira a envolver as crianças e despertar o interesse em descobrir o que tinha por trás das capas de cada livro. Para tanto, utilizamos atividades como o teatro de fantoches, contação de histórias com fantoches e produção de fantoches pelas crianças, maleta mágica de onde as crianças sempre tiravam histórias e personagens novos para as atividades: pinturas e leituras de histórias infantis pelos alunos, cantigas de roda e vídeos de várias fabulações para que os alunos encenassem depois.

A leitura de histórias, seja na sala de aula ou em outros espaços, oportuniza o desenvolvimento da criança em campos como o da arte de desenhar, da música, da

dança, da reflexão, do teatro, da imaginação, da brincadeira em grupo, de manusear o livro, de escrever suas primeiras garatuças e querer ouvir mais e mais histórias. A criança é envolvida pelo universo da leitura de todas as formas e a todo o momento, o que incentiva a aprendizagem, trabalho que, erroneamente, é atribuído apenas à escola.

Em consonância a isto, Ferreiro (2001, p. 64) ressalta que:

Estamos tão acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e a da escrita como processo de aprendizagem escolar que se torna difícil reconhecer que o desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes da escolarização, ou seja, começamos aprender a ler antes de sermos alfabetizados.

Portanto, é preciso entender que as crianças percebem o mundo de um modo particular. Elas são cheias de curiosidade e dotadas de uma capacidade incrível de aprender tudo que lhes é ensinado. Mas, para isso, é necessário utilizar-se de meios que valorizem essas características ao mesmo tempo em que encanta a criança com o mundo escrito.

De acordo com Zilberman (1984),

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica. (Zilberman, 1984, p. 107).

Portanto, o uso da literatura infantil, nos diferentes espaços de aprendizagem, é um suporte para o alcance de um processo de alfabetização e letramento. Na aplicação do projeto, nos deparamos com uma boa aceitação de todos. Desde o primeiro dia, as crianças participaram de forma espontânea na realização de atividades planejadas. Estas foram feitas conforme a dinâmica própria surgida durante o processo, para que todas as crianças presentes participassem.

No primeiro momento, como já dito, o nosso público alvo eram apenas crianças de quatro a oito anos. No entanto, como as crianças que participaram do primeiro dia gostaram, acabaram por falar com outras pessoas sobre o projeto, o

que fez surgirem mais crianças, até com idades diferentes, o que, também, nos permitiu conhecer outras possibilidades de desenvolvimento do projeto.

Em falas das crianças participantes, entendemos como elas estavam carentes de projetos e/ou atividades que focassem o tempo ocioso. Foi em uma dessas lacunas que a literatura infantil surgiu como estratégia para ser trabalhada na busca de construção de interesse voltado à leitura. Salem (1970), sobre a relação entre as histórias e as crianças, afirma que:

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta (SALEM, 1970, p. 37).

Nesse contexto, a literatura infantil possibilita o desenvolvimento cognitivo por meio de um sistema de transformações contínuas que comportam uma história e uma evolução das funções psicológicas, que geram mudanças na capacidade de interação do sujeito com o meio social. O trabalho com literatura infantil pode ser muito rico e significativo para as crianças, pois, possibilita a interação do adulto com a criança e a interação entre as crianças no momento da contação de história.

É nesse sentido que a Literatura Infantil pode ser valiosa para a formação da criança, em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. Assim, a criança terá uma aprendizagem expressiva. Ao encontrar nos fatos narrados, elementos que se relacionem com acontecimentos de sua vida, sonhos, medos e desejos, a criança compreende a história e estabelece uma conexão com a sua realidade social.

Durante a experiência, as crianças se envolviam bastante com todas as atividades realizadas; as ações e reações delas estavam explícitas durante as realizações das atividades e brincadeiras desenvolvidas. As crianças se aproximavam, gradativamente, dos livros e da literatura; as carências de novos temas iam surgindo.

No último dia de realização do projeto, foram feitas algumas perguntas sobre o desenvolvimento do projeto. Durante esse momento as crianças relataram que havia gostado muito de participarem das atividades, em algumas falas foram ressaltada a vontade de que o projeto continuasse a ser aplicado toda semana. Ao

questionamos sobre o que elas mais gostaram, houve uma predominância nas respostas que citaram as atividades de pinturas e as histórias infantis contadas.

De acordo com os objetivos propostos e alcançados durante a pesquisa, foi possível perceber que o ato de ler é importante para o desenvolvimento da criança, pois, proporciona situações de aprendizagens, o sentimento de prazer, alegria e a interação. As falas, a demonstração de carinho e interesse das crianças em passarem suas tardes livres, lendo, contando histórias e produzindo conhecimento, mostram que vale a pena dedicar-se à educação; que o trabalho do pedagogo vai além da leitura e escrita e o trabalho em sala de aula, mais que isso, envolve a construção real do conhecimento, dos valores, da cidadania e da formação de sujeitos pleno conhecedores de seus direitos.

#### **4 CONCLUSÃO**

O ser humano, sem que perceba, está envolto no universo da leitura. A criança, desde cedo, faz a leitura do mundo que a rodeia, sem ao menos conhecer as palavras, frases ou expressões, pois, é próprio do ser humano desejar o conhecer, decifrar a curiosidade, de modo a refletir novos conhecimentos.

A pesquisa teve como objetivo analisar como a Literatura Infantil pode contribuir no desenvolvimento da aprendizagem das crianças em espaços não formais de educação. Nesse sentido, foi possível perceber que as narrativas contribuem para o desenvolvimento do processo de leitura e escrita da criança. A utilização da Literatura Infantil abre espaço para que cada criança encontre o seu eu interior e construa seu próprio processo de aprendizagem, estipulando um ritmo próprio.

Ao adotar uma prática que coincida com os interesses das crianças, valoriza-se os saberes prévios e a sua individualidade. Por meio das mensagens e dos comportamentos dos personagens que as histórias trazem, a criança compara e assimila situações reais do cotidiano. A Literatura atua como um instrumento mediador entre a criança e os conhecimentos a serem trabalhados, entre sua imaginação e a realidade que a circunda.

Quando se apresenta uma história infantil à criança, começa a construção das fantasias. Ao tentarem, atentamente, encontrar respostas de maneira interessante e

compreensível para o desfecho dessas histórias, um incentivo à leitura, preparando-as para a alfabetização.

As observações, a entrevista e os contatos com os sujeitos da pesquisa oportunizaram muitas reflexões, ora de confrontos, ora de ratificação de abordagens. Assim, as considerações tecidas giram em torno de uma prática pedagógica e dos aspectos que teoricamente a orientam.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. da F.; PASCHOAL, J. D. (Org.). **Ensino fundamental de nove anos: Teoria e prática na sala de aula**. São Paulo: Avercamp, 2009.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- ENGEL, G. I. **Pesquisa-ação**. Curitiba: UFPR. N. 16, p. 181-191, 2000.
- FERREIRO, E. **Reflexão sobre a alfabetização**. Tradução de Horário Gonzales *etal.* 24. ed. atual. São Paulo: Cortez, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 3-11, abr./jun. 2000.
- GHANEM, E; TRILLA, J. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.
- GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social**. Revista de Ciências da Educação, Americana, n. 19, p. 121-140, 2º sem. 2008.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- SALEM, N. **História da literatura infantil**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.
- ZILBERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1986.

**Enviado em:** 11-09-2020  
**Aceito em:** 15-03-2021  
**Publicado em:** 16-04-2021